A decadência da W3

GIZELLA RODRIGUES
DA EQUIPE DO CORREIO

"Querer reviver o passado da W3 pode ser um engano grosseiro. Os anos da década de 1960 foram únicos, mas ficaram totalmente para trás." A análise é do professor Frederico Flósculo, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília (UnB) e coordenador do projeto que venceu o concurso organizado, em 2003, pelo Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB) para revitalizar a Avenida W3. A concorrência foi uma das tentativas de devolver o brilho àquela que um dia foi a rua mais movimentada da capital federal. Desde então, urbanistas, moradores e governo tentam encontrar uma forma de mudar o cenário da avenida, que concentra calçadas esburacadas, lojas fechadas, vidros quebrados, prédios abandonados e muros repletos de pichações.

Até meados da década de 1970, a W3 era o ponto de encontro da sociedade brasiliense. Era lá que concentravam-se as melhores lojas, os grandes restaurantes e até o carnaval. Hoje, ela é o retrato da decadência e não lembra em nada os anos áureos. O cenário de abandono afastou o público. Um estudo do Conselho Regional de Corretores de Imóveis (Creci), feito em setembro do ano passado, mostra que 325 lojas estão fechadas na W3 Norte e Sul — estima-se que existem 1,2 mil pontos comerciais no total. No lugar do comércio que fervia, a sujeira se acumula.

A deterioração atingiu a W3 justamente porque o nascimento da avenida não seguiu os planos de Lucio Costa. O Plano Piloto de Brasília previa que as quadras 700 fossem destinadas a chácaras e as 500 deveriam servir para o abastecimento dos moradores das asas Sul e Norte. No local, deveriam funcionar armazéns, comércio atacadista, grandes açougues e supermercados. "As primeiras lojas que se instalaram na W3 eram voltadas para essas atividades, mas ocorreu uma mudança inesperada. As pessoas começaram a abrir estabelecimentos diversos na W3, como os restaurantes, e diferentes atividades tomaram conta da avenida", afirma Flósculo. Com o surgimento dos shoppings, o público e os empresários migraram.

Para Flósculo, a saída para revitalizar a W3 é mudar o perfil da via e investir em atividades culturais, de lazer e diversão. "Teatros, centros culturais, galerias de arte, bares, restaurantes e praças devem ser abertas nas lojas vazias. A proposta é fazer um grande corredor cultural. Reunir, em espaços próximos, grandes instituições, não da área do comércio e sim da cultura", afirma.

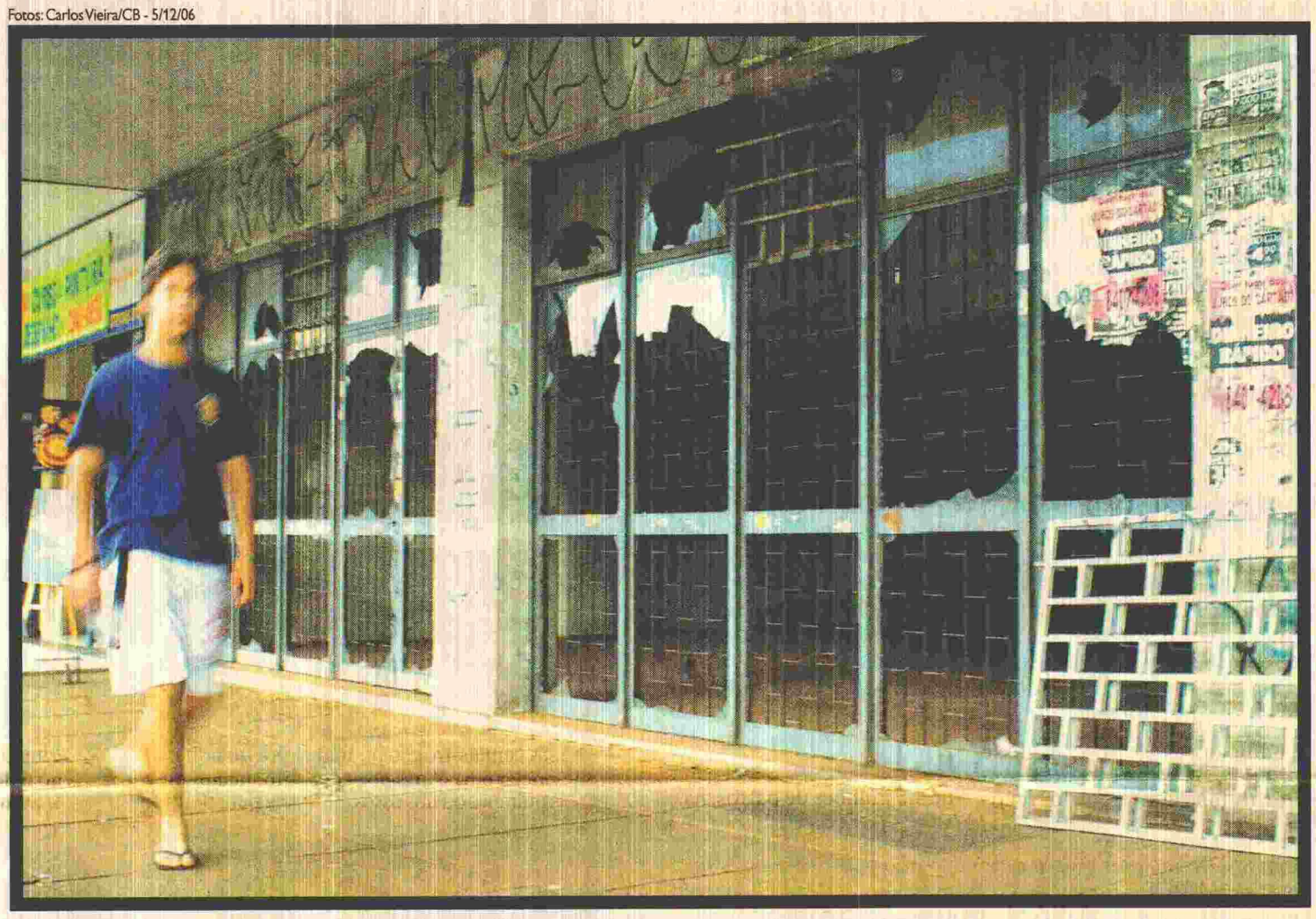
Metrô

A julgar por um novo empreendimento aberto na avenida há quatro meses, a proposta de Frederico Flósculo parece ir pelo rumo certo. Com outros três sócios, o empresário Jorge Ferreira investiu R$ 1,3 milhão no Mercado Municipal, na 509 Sul. Cerca de mil pessoas circulam diariamente pelo estabelecimento, inspirado no famoso Mercado da Cantaneira em São Paulo. "A W3 é o local apropriado para esse tipo de comércio, pois as lojas são maiores e há mais estacionamento do que nas entrequadras. Espero que a inauguração do Mercado Municipal seja o início de uma revitalização do local", justifica o empresário.

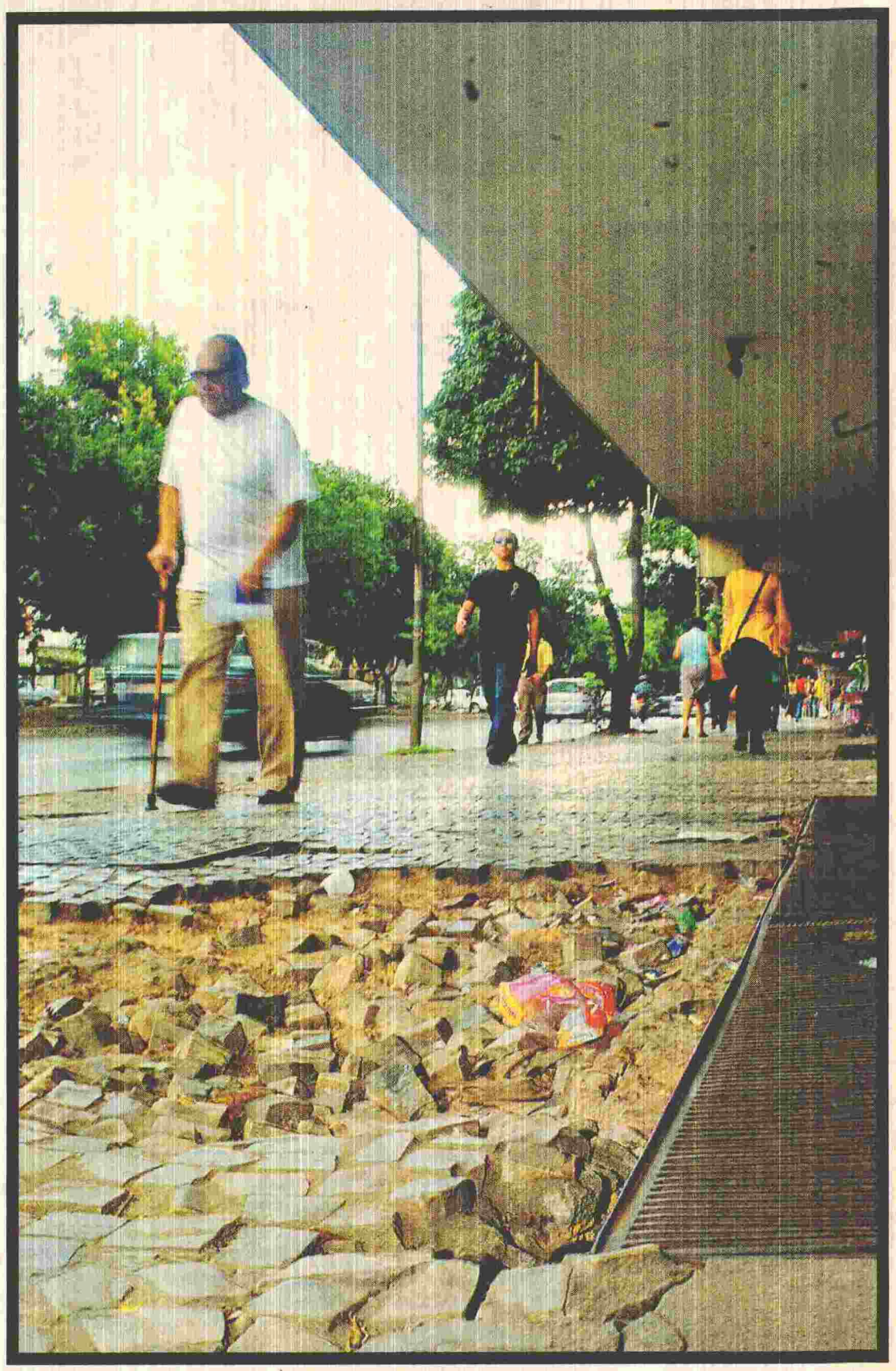
A comunidade do Plano Piloto aprova a idéia. E até se reuniu para propor outras opções. Um grupo de moradores das asas Sul e Norte se uniram a professores e estudantes da UnB para fazer estudos sobre a viabilidade de execução de um novo modelo de transporte para a capital. O que eles querem é trazer o metrô leve de superfície, utilizado em cidades européias, para Brasília. De acordo com as pesquisas feitas até agora, eles descobriram que o metrô é 10 vezes mais barato que trens subterrâneos e carregam até cinco vezes mais pessoas do que um ônibus.

A idéia é que, inicialmente, o metrô passe pela W3, o que devolveria vida à avenida. "Observamos que as cidades que usam esse transporte se voltam para as pessoas novamente. Na mesma pista por onde passa um automóvel, vai o metrô, bicicletas e pessoas a pé ou de patins", afirma a professora Maria Rosa Abreu, da Faculdade de Educação da UnB. Eles também querem que os bares, que tanto incomodam nas entrequadras, sejam transferidos para a W3. "Se esse metrô entrasse em funcionamento, a W3 poderia se tornar um ponto de convivência. As pessoas seriam livres para circular pelas ruas e passar por bibliotecas e teatros", defende Paulo Mendonça, do Conselho Comunitário da Asa Sul.

Fotos: Carlos Vieira/CB - 5/12/06



VIDROS QUEBRADOS EM LOJA ABANDONADA NA 512 SUL: ESTUDO DO CRECI-DF APONTA QUE 325 PONTOS COMERCIAIS ESTÃO FECHADOS NA AVENIDA



CALÇADA QUEBRADA NA 504 SUL: RISCO À SAÚDE DOS PEDESTRES QUE CIRCULAM DIARIAMENTE PELA W3

MEMÓRIA

Projeto parado

Há pelo menos duas décadas, discute-se a revitalização da W3. O governo começou a tratar o assunto com mais seriedade há seis anos. Um concurso realizado em 2003 selecionou, além do projeto coordenado por Frederico Flósculo, outras quatro propostas para uma nova urbanização da avenida. A idéia do governo era unir as melhores idéias em um projeto único.

A previsão inicial era de que as obras começassem ainda em 2004. A revitalização seria iniciada pela construção de duas praças nas asas Sul e Norte, na quadra 705/706. Além disso, o projeto prevê uma praça subterrânea, embaixo do Pátio Brasil, que servirá como passagem de pedestres até o Setor Comercial Sul.

Existe um plano de ação concluído, mas a execução está parada. Além de aguardar recursos para fazer a licitação, o governo anterior preferiu esperar o início das obras do projeto Brasília Integrada, que fará alterações no sistema viário da via.

Mudanças no tráfego

O secretário de Desenvolvimento Urbano, Habitação e Meio Ambiente, Cássio Taniguchi, disse ontem que tratará a revitalização da W3 como prioridade. O governo discutiu o assunto durante a fase de transição. Entre as mudanças previstas, estão a modernização do tráfego e a retirada dos estacionamentos dos canteiros centrais. "A W3 terá projeto especial. É uma via importante e que pode ficar moderna", afirmou. Taniguchi aguarda para a próxima semana a visita de urbanistas e arquitetos como Jaime Lerner, ex-governador do Paraná, para avaliar pontos decadentes de Brasília, como a W3.

Arquitetos e urbanistas explicam que a decadência da W3 não é um fenômeno exclusivo de Brasília. A degradação de áreas centrais ocorre em grandes cidades de todo o mundo. A deterioração é previsível e tem uma simples explicação: as cidades mudam assim como o modo de vida das pessoas. "Os centros do Rio de Janeiro, de São Paulo e de Goiânia (GO) se deterioraram. Brasília, apesar de ser planejada e tombada, também passa por esse processo, que é até natural," explica o arquiteto Luis Antônio Almeida Reis, administrador de Brasília durante a gestão de Maria de Lourdes Abadia.

Reis lembra que existiu uma mudança habitacional. "Os ricos e poderosos moravam nas casas das quadras 700, que eram grandes e bem localizadas. Por isso, era normal que a avenida fosse movimentada. Hoje, a classe alta mora no Lago Sul, por exemplo", diz. (GR)